

Ética, política e estética.
Uma discussão sobre as
Diretrizes Curriculares Nacionais



Ano 1 • nº 2 • 2001

NÓS DA ESCOLA



Leandro Konder
analisa a ética
na educação

Com arte, uma escola
da **rede municipal**
deu a volta por cima



NÓS DA ESCOLA

Sonia Mograbi

Secretária Municipal de Educação

Regina de Assis

Presidente da MULTIRIO

Maria Inês Delorme

Diretora de Publicações

Élida Vaz

Assessora de Comunicação e Ouvidora

Ana Lagôa

Jornalista responsável (MTB. 13272)

Patrícia Alves Dias

Assessora Artística

Ana Cristina Lemos

Projeto gráfico e diagramação

Colaboradores

André Leão (Ilustração)

Andrei Bastos (Consultoria)

Alberto Jacob Filho (Fotografia)

Cristina Campos (Conteúdo)

Eduardo Duval (Ilustração)

Guaira Miranda (Projeto gráfico)

Joanna Miranda (Conteúdo)

Laércio Lourenço (Programação Visual)

Paulo Visgueiro (Programação Visual)

Tânia Oliveira (Programação Visual)

Viviane Viana (Reportagem)

Fotolitos e Impressão

Gráfica e Editora Skill Line

Tiragem

30 mil exemplares

Não perca!

Nos próximos números vamos continuar discutindo as Diretrizes Curriculares Nacionais

Número 3

Para que servem as teorias pedagógicas? O que elas têm a ver com a prática em sala de aula?

Número 4

Como construir propostas curriculares que articulem os processos de ensino com sua comunidade local, regional e planetária? Como integrar as diferentes áreas de conhecimentos com aspectos da vida cidadã?

Número 5

Como as escolas municipais avaliam professores e alunos, segundo suas propostas pedagógicas?

Número 6

Para que as propostas pedagógicas tenham êxito, qual seria a gestão democrática de qualidade?



Empresa Municipal de Multimeios

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá
Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210

www.multirio.rj.gov.br
ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br

Central de atendimentos
Tél.: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212

Sumário



Editorial

2

“Sou do Rio de Janeiro!”



Entrevista

3

Leandro Konder: educar exige perspectiva de futuro



Capa

6

Mas, afinal, o que são Diretrizes Curriculares?



Atualidade

11

Íntegra das Resoluções CEB nº 1/99 e CEB nº 2/98



Pé na estrada

14

Na João Neves, arte abriu novos rumos



Tudoteca

16

Livros, sites e filmes do mês

Trabalho sobre meio ambiente de Luciana Faria Pereira, aluna da 5ª série da E.M. Ary Barroso

“Sou do Rio de Janeiro!”

“Chegou a hora! Chegou... Chegou!”

Estes primeiros versos de Amado Regis, na música *O Samba e o Tango*, nos ajudam a alertar que este é o momento de refletir sobre nossas responsabilidades em relação à Educação na Cidade do Rio de Janeiro.

Desde 1996, temos o Núcleo Curricular Básico – MultiEducação –, elaborado com a participação dos nossos professores, assim como ao final daquele ano passou a vigorar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei 9.394/96.

Já está na hora de ampliarmos o debate em nossas escolas, nos Centros de Estudo, seminários, com o apoio da revista *Nós da Escola*, programas televisivos e site na internet da MULTIRIO, para que possamos reavaliar a MultiEducação à luz das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e Educação Fundamental.

Nossa proposta de política pública contempla o debate democrático, visando a uma educação cidadã, direito de nossas crianças e adolescentes, valorizando princípios éticos de respeito e solidariedade e promovendo o acesso aos bens culturais.

Desta forma, todos nós da SME (nível central, CRE e escolas), junto com a MULTIRIO, devemos nos mobilizar para que este debate possa influir, positivamente, na elaboração das Propostas Político-Pedagógicas de cada uma das 1.029 escolas.

Afinal, como termina a canção: “Sou do Rio de Janeiro!”



Sonia Mograbi
Secretária de Educação da Cidade do Rio de Janeiro



Leandro Konder: educar exige perspectiva de futuro

Discutir os princípios da ética, da estética e da política à luz da Filosofia foi o propósito de uma conversa que reuniu o filósofo Leandro Konder, professor do Departamento de Educação da PUC-Rio, as professoras Neria Moura, diretora da Escola Municipal Embaixador João Neves da Fontoura, em Rocha Miranda, e Dinalva Gurgel Norte Moreira, diretora da Escola Municipal Henrique Foréis, em Inhaúma, e as jornalistas Éliada Vaz e Eliane Bardanachvili, da MULTIRIO.



Éliada: Vamos começar falando sobre ética...

Ética e Moral têm, curiosamente, uma origem absolutamente aparentada. Ética vem de *ethiké*, do grego, que significa bons costumes, a indicação do que é correto e do que é errado. O código de ética era o código de costumes definido pela comunidade. E moral vem de *morale*, do latim, e quer dizer costume. Tanto em latim quanto em grego, a origem da palavra aponta para a comunidade. Isso é importante, porque vivemos numa sociedade na qual, nos últimos séculos, pela primeira vez na história, os indivíduos se tornam muito mais autônomos do que eram e têm dificuldades de definir os valores que eram definidos pela comunidade. Valores que sempre tiveram matrizes sociais, comunitárias, estão esgarçados.

Eliane: Devemos buscar novos valores ou descobrir formas de manter os velhos?

As duas coisas. Novos valores precisam ser criados, mas, ao mesmo tempo, é preciso resgatar alguma coisa da história. Eu tenho o alibi de ser filósofo, o que me permite me familiarizar com o que está ocorrendo sem precisar dar respostas. A Filosofia é um pouco o Chacrinha da Ciência, quando ele dizia: “Eu não vim para explicar, vim para confundir”. ▶



Eliane Bardanachvili,
jornalista, e Neria
Moura, diretora da
E. M. Embaixador João
Neves da Fontoura

Élida: A escola pode ser um espaço para preparar os sujeitos para transformações?

Sim. Mas não se vai fazer revolução na escola, na igreja. Há um pensador que anda meio esquecido, Herbert Marcuse, que falava que aquilo que vai ficando superado vai ressurgindo de outra forma. Hoje, não é mais o proletariado o sujeito dessa mudança revolucionária. Agora, temos um grupo de outra natureza, a dos excluídos. O conjunto dos excluídos é que passa a ser sujeito das transformações.

Dinalva: Esse reunir-se para contestar, para exigir não existe nas comunidades que eu conheço. Eles vão fazendo a vida deles, até liderados pelo tráfico. A escola não seria um local para este despertar de idéias? Mas vejo o professor sentindo-se muito incapaz...

O tráfico é uma organização que substitui o estado. Mas falta dimensão estatal ao tráfico, capacidade de pensar o todo, universalmente. A escola é um lugar onde se discutem problemas pensados universalmente. O professor, aquele ser tímido, ganhando pouco, tem um potencial enorme, porque trabalha com o conhecimento.

Neria: Um dos eixos para se resgatar ou se manter esse poder de organização da escola, em relação à comunidade, não seria a formação continuada do professor? O tráfico age de acordo com a lógica do mercado total. Não tem qualquer compromisso ético com a comunidade, como já vi em outras épocas...

Concordo sobre a formação continuada. Os costumes mudaram brutalmente e parto da seguinte idéia: a vida humana baseia-se em opções, em escolhas. Não há quem não faça escolhas. As escolhas pressupõem preferências. Na maioria das questões, escolho com base nos meus interesses, nos interesses de meu grupo. Não há compromisso com a universalidade. Há uma desqualificação, uma desmoralização universal, só existe o eu, por causa dessa autonomização exagerada...



Eliane: O que isso quer dizer?

Por exemplo, a honestidade. Antigamente, se o sujeito era honesto, era honesto. Se não fosse, era condenado pela comunidade. Hoje, o que acontece? Isso é quantificado. A pessoa pode ser 60% honesta... No plano ético, a quantificação é uma ilusão ideológica. Os valores ou são absolutos e absolutamente qualitativos ou não são valores éticos, são um quebra-galho.

Eliane: A escola pode trabalhar a ética e a cidadania, valores atualmente em crise?

A escola pode trabalhar e trabalha efetivamente. Esses valores, no entanto, não têm a força suficiente para se traduzir em movimento político, universal, contestador, capaz de transformar a sociedade em profundidade, mas existem. Em geral, os professores acreditam em determinados valores. Às vezes, camuflam, ficam envergonhados de dizer que têm um ideal, mas têm ideais.



Eliane: Hoje não existe mais uma receita para o professor e nem para os pais sobre como educar.

A educação tinha uma perspectiva de futuro que era implícita, era dada. E hoje o futuro se tornou muito aleatório. Que garantias a gente tem? Nenhuma. Acontece que educar é algo que depende de perspectiva. Estou educando a pessoa hoje para amanhã. Como vai ser o amanhã? É preciso ter alguma representação do que vai ser o amanhã.

Élida: Qual o papel da escola neste contexto de incerteza e individualismo?

Vou recorrer a um poeta místico que hoje percebo como um grande dialético. Pascal dizia que nós não temos garantias racionais, científicas. Nós temos uma razão, uma ciência, que mal ou bem nos ajuda a ir vivendo no dia-a-dia e nas quais nós temos que ter o mínimo de confiança. Podemos nos apoiar nelas para fazer uma aposta. Essa palavra aposta é fundamental. Temos que usar nossa razão, nosso senso crítico para fazer apostas. O trabalho da escola é um pouco isso. Como a educação pressupõe uma representação de futuro, somos obrigados a apostar na idéia de que o ser humano pode dar certo sim, ele pode criar uma sociedade mais justa, melhor, uma vida menos dolorosa.

E isso podemos passar para os professores e argumentar a favor desta aposta, que não é gratuita, ingênua. Podemos transformar a sociedade... A escola é um lugar precioso para encaminhar as idéias, os conhecimentos, os hábitos que viabilizam essa transformação.



Élida Vaz, jornalista,
e Dinalva Gurgel Norte
Moreira, diretora da
E. M. Henrique Foréis

"A autonomia tem que ser estimulada. Como esse indivíduo pode não ser individualista? Conseguindo preservar a autonomia paralelamente à conservação de valores ligados à solidariedade."

Leandro Konder

Élida: E a estética neste mundo do efêmero?

O aparecimento da indústria cultural, fenômeno posterior a Marx, mudou muito o quadro, porque ao mesmo tempo em que cultiva o gosto das pessoas na massa cria a demanda. As pessoas acabam gostando daquilo que vêem, de acordo com critérios estabelecidos pela indústria cultural, cujo princípio é o do lucro. Mas há uma demanda estética mesmo na porcaria. A percepção, a apreensão do mundo pela via da sensibilidade é fundamental.

Neria: O estético mexe com toda esta questão ética...

Em última análise, existe uma interdependência entre aqueles valores. O caminho da estética é um caminho possível para chegar realmente a mexer com a estrutura da perspectiva ética da pessoa. Nós estamos deixando de perceber criticamente uma violência institucionalizada tida como normal, a das margens que prendem o rio no leito. Então, às vezes, a ética é favorecida por uma imagem estética. ■



Veja a entrevista completa em
www.multirio.rj.gov.br

O sucesso da escola é o sucesso dos alunos. Para se ter sucesso é preciso saber onde se quer chegar e definir os caminhos: planejando, acompanhando e avaliando processos e produtos. Seguindo diretrizes. As Diretrizes Curriculares Nacionais. Veja como elas ajudam a fazer a proposta político-pedagógica e leia, no final da reportagem, a íntegra das Resoluções que criaram as diretrizes.



A proposta MultiEducação, construída com a parceria de grande parte dos professores de nossa rede, em 1996, deve estar sendo orientadora das práticas pedagógicas em nossas escolas. No entanto, após o advento das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (DCNEF) e para a Educação Infantil (DCNEI), homologadas pelo Ministro da Educação em 29/01/98 e 17/12/98, respectivamente, torna-se necessário rever a MultiEducação e seu uso na Rede Municipal do Rio à luz desses novos documentos.

Sem imposição - Cada professor precisa conhecer bem a globalidade de sua comunidade escolar: suas demandas, suas particularidades, suas necessidades para determinar os princípios e as práticas que

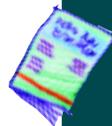
pautarão suas ações. E mais, acreditar no seu sucesso, no de seus colegas. Sem isto não é possível fazer acontecer uma proposta político-pedagógica, como se dá na E.M. Ary Barroso, por exemplo. Lá, “o projeto não foi imposto e sim elaborado com a comunidade escolar”, conta a diretora Sirley Amorim da C. Rangel, na escola desde 1977, há quatro anos na direção.

Pela nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBEN, Lei 9.394/96, da qual as Diretrizes Curriculares Nacionais são uma decorrência, cada comunidade escolar passa a ter o compromisso de conceber com liberdade e responsabilidade sua proposta pedagógica, de maneira autônoma e, portanto, responsável.



“Projetos construídos em parceria expressam respeito: à ordem democrática, à diversidade cultural e uma opção respeitosa pelo bem comum”.

Mas, afinal, o que são Diretrizes Curriculares?



As ricas e variadas experiências de escolas municipais mostram como é possível ter uma ação escolar cidadã, altamente qualificada, que promova o sucesso pessoal e profissional, atrelado a uma imensa alegria de viver de professores, crianças e jovens. “Nossa unidade tem os mesmos defeitos, as mesmas falhas que outras escolas”, diz o coordenador pedagógico Carlos Henrique Carrilho Cruz. “O que fazemos é discutir freqüentemente os resultados obtidos e insistir na busca de soluções”.

Entrosamento - Na escola de Carrilho – a E.M. Ary Barroso, da 4ª CRE, em Cordovil – a chave para a qualidade é a equipe

pedagógica afinada e estável, o investimento na atualização de professores, o planejamento participativo e o corpo escolar entrosado. “É um privilégio estudar aqui. Temos bons professores e o ambiente é organizado”, orgulha-se o aluno João Vitor da C. Campos, 14 anos, 8ª série.

De fato, o engajamento dos estudantes no projeto da escola gerou um cenário de qualidade: pátios limpos, muros sem pichações, vasos com plantas intactos, murais criativos, telefone público em perfeito estado. Ou seja, há uma ética, uma política e uma estética implícitas na vida e no funcionamento da escola. E tudo começou com

“É um privilégio estudar aqui. Temos bons professores e o ambiente é organizado.”

João Vitor da C. Campos, E.M. Ary Barroso

a valorização dos alunos e com o espaço cedido pelos professores para abrigar o núcleo de artes numa grande sala. Os alunos respondem à altura cuidando da sua conservação.

Sociabilidade - O espaço escolar, no entanto, nem sempre é pacífico, já que existe uma dinâmica de relações entre seus efetivos donos - os usuários diários do lugar: alunos, professores e demais integrantes da ▶

Na E.M. Ary Barroso, os alunos se divertem no recreio, mas mantendo o compromisso com a limpeza



comunidade. Como uma oficina de criação permanente, as salas de aula são ambientes ricos em interações, barulhentos na maior parte do tempo e com variadas formas de organização. Pois é justamente nestes espaços que se constituem experiências éticas, políticas e estéticas como as classes de artes. Ali, mais que o ofício artístico, as relações são o grande ganho. “**Aprendo a me relacionar com as pessoas e faço amigos com facilidade.** Aproveitamos as aulas para discutir nossos problemas”, explica Ronei Martins, 15 anos, aluno da 8ª série da E.M. Professora Felicidade de Moura Castro, da 7ª CRE, na Taquara.

“Conteúdos, conceitos e valores são constituídos na escola, especialmente, através de relações solidárias, autônomas, que atendam aos deveres e direitos de todos sem abrir mão da ludicidade e das variadas formas de expressão”.

“Relações solidárias, leves e alegres estimulam parcerias que ativam a sensibilidade, o espírito crítico e a criatividade”.

A certeza de que a capacidade de se relacionar a partir de princípios éticos, políticos ou estéticos é um passo para a cidadania plena está presente nas aulas da professora Edna Bonifácio, da E.M. Professora Felicidade de Moura Castro: “**Quero que meus alunos se conheçam, cresçam individualmente e possam viver em grupo, respeitando as diferenças e sendo cidadãos plenos**”.

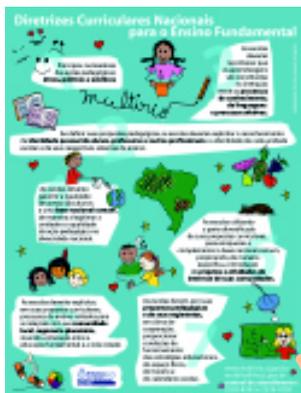
Integração - Esta trama que se tece no ambiente escolar não cabe, inteira ou em parte, de maneira alguma, em caixas ou compartimentos montados e etiquetados: teorias, ciências de qualquer ordem, música, artes, matemática, conteúdos, regras de disciplina, festas, provas, notas etc. Cabe a cada comunidade escolar determinar o rumo desejado, suas prioridades e sua função mais essencial, respeitando os direitos e deveres de todos. Por isto é tão importante discutir sobre como elaborar a proposta político-pedagógica da escola, que contribui para a articulação de todos os aspectos do curso de ações do currículo.



Estudantes do Projeto Protagonismo Juvenil, da E.M. Professora Felicidade de Moura Castro, liberam a criatividade nas dinâmicas de grupo

“Aprendo a me relacionar com as pessoas e faço amigos com facilidade...”

Ronei Martins,
E.M. Professora Felicidade de Moura Castro



Veja as Diretrizes Curriculares Nacionais no cartaz em anexo que a MULTIRIO preparou para você

A primeira **Diretriz Curricular Nacional**, ao definir Princípios Éticos, Políticos e Estéticos para as escolas brasileiras, ilumina o início de um percurso a ser trilhado, integradamente por toda a escola durante 200 dias letivos e as 800 horas/aula.

É um percurso em que se definem formas de convivência ética, nas quais a autonomia e a solidariedade são princípios que contribuem para a opção pelo bem comum, em que os princípios políticos dos direitos e deveres de cidadania apontam sempre na escolha da ordem democrática, para a convivência verdadeiramente cidadã. E em que os princípios estéticos

transformam as escolas no lugar da pedagogia da sensibilidade, da criatividade e do acolhimento da beleza, da diversidade cultural brasileira e universal.

Ambiente - Este conjunto dos três princípios da primeira Diretriz Curricular Nacional, na E.M. Moura Castro, foi ao extremo de alterar até mesmo a disposição das carteiras, que passaram a formar círculos, quadrados, retângulos. Sem recursos mirabolantes, mas mergulhando na Proposta MultiEducação, a escola concentrou seus esforços na educação artística e tira dela grandes proveitos. São classes de dança e teatro, não obrigatórias. “E mesmo assim ninguém falta”, garante a diretora Deise Oliveira Barros de Almeida. Como ela, a professora Edna Bonifácio



A estabilidade da equipe docente da E. M. Ary Barroso cria espaço para os alunos se expressarem na pintura, enquanto na E. M. Professora Felicidade de Moura Castro, a professora Edna Bonifácio faz das artes cênicas sua razão de ser feliz

também acredita no poder das Artes Cênicas: “Claro que entre os 1.100 alunos há aqueles que são indiferentes. Alguns nem vão ao teatro quando conseguimos ingressos. A conquista é lenta, mas temos certeza de que os alunos crescem para si mesmos, encontram-se com a beleza, a alegria e a camaradagem e vislumbram novas possibilidades de vida”. ■

Em 1998, Lucas Mendes publicou um artigo no jornal O Globo com um título sugestivo - *Santos do Bronx* - referindo-se a uma experiência de ensino no bairro de Nova York (EUA), nosso conhecido de filmes sobre a violência naquela cidade. A partir do texto jornalístico, vamos questionar alguns pontos que podem nos levar a pensar sobre o que é um princípio.

Mas, afinal, o que é um princípio?

“Escola de Todos os Halos. O nome é estranho e a escola é um fenômeno. (...) O diretor é Sean Sullivan (...) professor de Matemática e técnico do time de beisebol da escola. (...) uma escola católica (...). Ficou famosa porque no ano passado teve um dos melhores resultados acadêmicos de Nova York: 99%

dos alunos da última série se formaram no prazo certo e 90% entraram em universidades, algumas difíceis. Nas escolas públicas de Nova York, só 62% dos alunos se formam no prazo previsto e desses, só a metade consegue entrar em universidades.”

Os números se comparam aos das melhores e mais caras escolas particulares do país, mas seus alunos são pobres: 62% são latinos, 28% são negros e 1% é branco ou asiático.

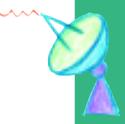
“(...) a limpeza e a disciplina chamam a atenção. São jovens de 14 a 18 anos sem uniformes, mas com camisas de manga comprida e gravata. Nos corredores não há gritos ou empurrões. Mas o diretor não atribui o sucesso acadêmico à disciplina.

O sucesso é atribuído ao talento dos professores para motivar e ajudar os alunos. Quem está fraco recebe aulas de reforço (...). Todos os alunos são obrigados a prestar serviços comunitários e, na última série, trabalham 50h em hospitais, abrigos ou programas de assistência social. Cada aluno é obrigado a participar, pelo menos, de duas atividades extracurriculares e todos formam clubes de jornalismo, decoração, caratê, debate, mecânica etc. (...) mas o programa mais inovador (...) é a meia hora de leitura obrigatória. Todos os dias, às 9h27m da manhã toca a campanha e a escola inteira - diretor, alunos, professores e faxineiros pegam um livro. Durante os 30m não se ouve um pio na escola.” ■

Para trabalhar com seus alunos

Por que agiu assim o diretor que apostou no sucesso dos seus alunos, ignorando as estatísticas anteriores? Que relação se pode estabelecer entre escolas particulares/sucesso e escolas públicas/fracasso? Você também acredita nisto? O sucesso acadêmico e a disciplina são

indissociáveis na sua opinião? O sucesso dos alunos é atribuído ao talento e à competência dos professores. É sempre assim?



Em 1998 e 1999, o Ministério da Educação homologou as Resoluções da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. A partir daí, os professores brasileiros passaram a contar com importantes aliados na busca de um ensino de qualidade: as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil e da Educação Fundamental. Veja aqui a íntegra das duas Resoluções.

Uma lei a favor da educação

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

Art. 1º – A presente Resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, a serem observadas na organização das propostas pedagógicas das instituições de educação infantil integrantes dos diversos sistemas de ensino.

Art. 2º – Diretrizes Curriculares Nacionais constituem-se na doutrina sobre Princípios, Fundamentos e Procedimentos da Educação Básica, definidos pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, que orientarão as Instituições de Educação Infantil dos Sistemas Brasileiros de Ensino, na organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de suas propostas pedagógicas.

Art. 3º – São as seguintes as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil:

I – As Propostas Pedagógicas das Instituições de Educação Infantil devem respeitar os seguintes Fundamentos Norteadores:

- a) Princípios Éticos da Autonomia, da Responsabilidade, da Solidariedade e do Respeito ao Bem Comum;
- b) Princípios Políticos dos Direitos e Deveres de Cidadania, do Exercício da Criticidade e do Respeito à Ordem Democrática;

c) Princípios Estéticos da Sensibilidade, da Criatividade, da Ludicidade e da Diversidade de Manifestações Artísticas e Culturais.

II – As Instituições de Educação Infantil ao definir suas Propostas Pedagógicas deverão explicitar o reconhecimento da importância da identidade pessoal de alunos, suas famílias, professores e outros profissionais, e a identidade de cada Unidade Educacional, nos vários contextos em que se situem.

III – As Instituições de Educação Infantil devem promover em suas Propostas Pedagógicas, práticas de educação e cuidados, que possibilitem a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivo/lingüísticos e sociais da criança, entendendo que ela é um ser completo, total e indivisível.

IV – As Propostas Pedagógicas das Instituições de Educação Infantil, ao reconhecer as crianças como seres íntegros, que aprendem a ser e conviver consigo próprios, com os demais e o próprio ambiente de maneira articulada e gradual, devem buscar a partir de atividades intencionais, em momentos de ações, ora ▶



estruturadas, ora espontâneas e livres, a interação entre as diversas áreas de conhecimento e aspectos da vida cidadã, contribuindo assim com o provimento de conteúdos básicos para a constituição de conhecimentos e valores.

V – As Propostas Pedagógicas para a Educação Infantil devem organizar suas estratégias de avaliação, através do acompanhamento e dos registros de etapas alcançadas nos cuidados e na educação para crianças de 0 a 6 anos, “sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental”.

VI – As Propostas Pedagógicas das Instituições de Educação Infantil devem ser criadas, coordenadas, supervisionadas e avaliadas por educadores, com, pelo menos, o diploma de Curso de Formação de Professores, mesmo que da equipe de Profissionais participem outros das áreas de Ciências Humanas, Sociais e Exatas, assim como familiares das crianças.

Da direção das instituições de Educação Infantil deve participar, necessariamente, um educador com, no mínimo, o Curso de Formação de Professores.

VII – O ambiente de gestão democrática por parte dos educadores, a partir de liderança responsável e de qualidade, deve garantir direitos básicos de crianças e suas famílias à educação e cuidados, num contexto de atenção multidisciplinar com profissionais necessários para o atendimento.

VIII – As Propostas Pedagógicas e os regimentos das Instituições de Educação Infantil devem, em clima de cooperação, proporcionar condições de funcionamento das estratégias educacionais, do uso do espaço físico, do horário e do calendário escolar, que possibilitem a adoção, execução, avaliação e o aperfeiçoamento das diretrizes.

Art. 4º – Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas as disposições em contrário.

ULYSSES DE OLIVEIRA PANISSET - Presidente da Câmara de Educação Básica

CNE/CEB. Resolução CEB nº 1/99. *Diário Oficial*, Brasília, 13 abr. 1999. Seção 1, p. 18.

Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental

Art. 1º – A presente Resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, a serem observadas na organização curricular das unidades escolares integrantes dos diversos sistemas de ensino.

Art. 2º – Diretrizes Curriculares Nacionais são o conjunto de definições doutrinárias sobre princípios, fundamentos e procedimento da educação básica, expressas pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, que orientarão as escolas brasileiras dos sistemas de ensino na organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de suas propostas pedagógicas.

Art. 3º – São as seguintes as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental:

I – As escolas deverão estabelecer como norteadores de suas ações pedagógicas:

- a)** os princípios éticos da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum;
- b)** os princípios dos Direitos e Deveres da Cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática;
- c)** os princípios estéticos da sensibilidade, da criatividade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais.



II – Ao definir suas propostas pedagógicas, as escolas deverão explicitar o reconhecimento da identidade pessoal de alunos, professores e outros profissionais e a identidade de cada unidade escolar e de seus respectivos sistemas de ensino.

III – As escolas deverão reconhecer que as aprendizagens são constituídas pela interação dos processos de conhecimento com os de linguagem e os afetivos, em consequência das relações entre as distintas identidades dos vários participantes do contexto escolarizado; as diversas experiências de vida de alunos, professores e demais participantes do ambiente escolar, expressas através de múltiplas formas de diálogo, devem contribuir para a constituição de identidade afirmativas, persistentes e capazes de protagonizar ações autônomas e solidárias em relação a conhecimentos e valores indispensáveis à vida cidadã.

IV – Em todas as escolas deverá ser garantida a igualdade de acesso para alunos a uma base nacional comum, de maneira a legitimar a unidade e a qualidade da ação pedagógica na diversidade nacional. A base comum nacional e sua parte diversificada deverão integrar-se em torno do paradigma curricular, que vise a estabelecer a relação entre a educação fundamental e:

- a) a vida cidadã através da articulação entre vários dos seus aspectos como:
 - 1. a saúde; 2. a sexualidade; 3. a vida familiar e social; 4. o meio ambiente;
 - 5. o trabalho; 6. a ciência e a tecnologia;
 - 7. a cultura; 8. as linguagens.
- b) as áreas de conhecimento:
 - 1. Língua Portuguesa; 2. Língua

Materna, para populações indígenas e migrantes; 3. Matemática; 4. Ciências; 5. Geografia; 6. História; 7. Língua Estrangeira; 8. Educação Artística; 9. Educação Física; 10. Educação Religiosa, na forma do art. 33 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

V – As escolas deverão explicitar em suas propostas curriculares processos de ensino voltados para as relações com sua comunidade local, regional e planetária, visando à interação entre a educação fundamental e a vida cidadã; os alunos, ao aprenderem os conhecimentos e valores da base nacional comum e da parte diversificada, estarão também constituindo sua identidade como cidadãos, capazes de serem protagonistas de ações responsáveis, solidárias e autônomas em relação a si próprios, às suas famílias e às comunidades.

VI – As escolas utilizarão a parte diversificada de suas propostas curriculares para enriquecer e complementar a base nacional comum, propiciando, de maneira específica, a introdução de projetos e atividades do interesse de suas comunidades.

VII – As escolas devem trabalhar em clima de cooperação entre a direção e as equipes docentes, para que haja condições favoráveis à adoção, execução, avaliação e aperfeiçoamento das estratégias educacionais, em consequência do uso adequado do espaço físico, do horário e calendário escolares, na forma dos arts. 12 a 14 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Art. 4º – Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

ULYSSES DE OLIVEIRA PANISSET - Presidente da Câmara de Educação Básica

CNE/CEB. Resolução CEB nº 2/98. *Diário Oficial*, Brasília, 15 abr. 1998. Seção 1, p. 31. ■

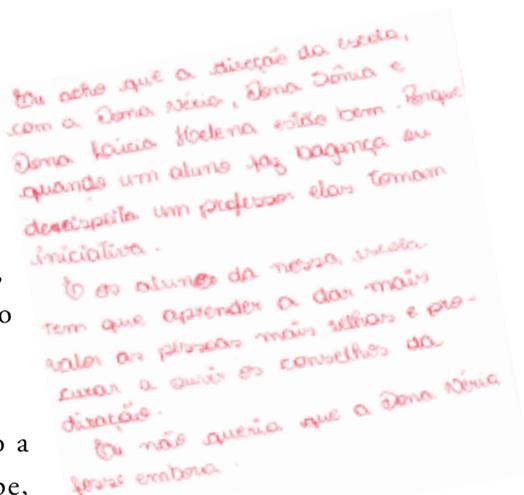


Na João Neves, arte abriu novos rumos

Com o pé na estrada, nossa reportagem descobre e mostra como funcionam as escolas da rede carioca que estão mudando sua história. Como a E.M. Embaixador João Neves da Fontoura, de Rocha Miranda, onde a arte faz a diferença.

Em apenas dois anos a direção da Escola Municipal Embaixador João Neves da Fontoura, em Rocha Miranda, Zona Norte da cidade, mudou cinco vezes de mãos. A localização da escola, em área considerada de risco, certamente pesou nessa rotina. Os alunos, em sua maioria, vêm de famílias desestruturadas. Os professores, mais que ensinar, precisam estar preparados para trabalhar com jovens que não escondem a falta de perspectivas para o futuro.

Tarefa nada simples. Mas desde janeiro deste ano, quando a diretora Neria Moura assumiu o comando da equipe, a história dessa escola começou a mudar.



Texto produzido por estudante da E.M. João Neves da Fontoura

O passado ficou para trás



A diretora Neria Moura conquistou a meninada e o apoio dos pais e professores

O dia-a-dia da João Neves da Fontoura não diferia muito do de outras escolas. “Se os alunos não estivessem gostando de uma aula, jogavam a carteira no professor. Uma vez arremessaram comida numa das diretoras”, lembra Vitor Cesar da Silva, 17 anos, aluno da 8ª série.

Ao chegar, a diretora Neria Moura buscou o apoio de pais, alunos e professores, do Conselho

Comunidade-Escola, o CEC, e da Associação de Moradores das Pedras Preciosas. Este foi apenas o primeiro passo, pois teve que investir em muito diálogo para começar a fazer mudanças. De fato, a figura tradicional do diretor não é mais a mesma de 20 anos atrás. Ele encabeça a gestão, mas não resolve sozinho os problemas. Cenas como as que Vitor relata sumiram da rotina. “A nova diretora impôs respeito, mas de forma diferente”.



Atraindo adeptos

A história da Embaixador João Neves da Fontoura mostra que, quando todos os segmentos escolares estão comprometidos com a busca de uma escola de qualidade, o resultado não pode ser diferente. “Quando fiquei sabendo do esforço da diretora, vim trabalhar aqui para ajudar a melhorar a

escola dos meus filhos”, conta Rosângela Castro Maciel, 35 anos, mãe de dois alunos e servente da escola.

Os alunos também aderiram ao projeto. Renata dos Santos Silvério, 14 anos, aluna da 6ª série, encabeçou o movimento para a pintura da escola. “As paredes

estavam sujas e isso dava um aspecto ruim. Queremos uma escola moderna, pintada e organizada”, diz a menina, que fundou o grêmio este ano e não fez promessas de campanha. “Nossa chapa não prometeu nada. Dissemos apenas que precisaríamos muito deles para tudo que pensássemos fazer”.



Alunos grafitam o muro da E.M. João Neves da Fontoura

Asas à imaginação

Depois de dado o pontapé inicial para a pintura da escola, a imaginação dos estudantes correu solta. Pedro Henrique Franco, 17 anos, colocou seus talentos de pintor a serviço da comunidade escolar. Ele e um grupo de colegas estão fazendo **grafite** nos muros da escola. “Se a gente deixa o muro branco aí eles picham e fica ruim. Com o grafite ninguém faz **pichação** e a escola fica legal”.

Keila Cardoso da Silva, ex-aluna da escola, se sente orgulhosa ao lecionar onde obteve parte da sua formação. Confiante, ela acredita que é preciso ter sensibilidade para lidar com os alunos. “Temos que mostrar que a dor que dói neles também dói em nós”.

Grafite está ligado à cultura do hip-hop, que tem elementos do break (a dança) e do rap (ritmo e poesia). Os grafiteiros brincam com as cores e se valem de critérios artísticos.

Pichação costuma ser feita por pessoas que não têm relação com a arte. O importante é a exibição da marca – uma espécie de assinatura – nas ruas.



O vocabulário do grafite e as dicas para quem está começando a grafitar estão no site www.multirio.rj.gov.br/nosdaescola

Outro endereço interessante para quem aprecia a arte do grafite é www.aerosolart.com.br

“Outro passo importante é a valorização da auto-estima dos meus professores, procurando mostrar que eles não estão sozinhos”, afirma a diretora. A professora de matemática



LIVROS

Para sua atualização

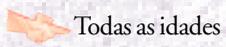
Ironias da
educação
Pedro Demo
LTD (2000)



O autor apresenta uma proposta de política social do conhecimento, tendo a educação como eixo central. Uma reflexão sobre as (ou a falta de) transformações que a educação promove.



Para a garotada



Todas as idades
Vejam como
eu sei escrever
José Paulo Paes
Ática (2001)

Décimo livro infantil de poesias do autor, falecido em 1998. O poeta procura captar o que se passa na cabeça de uma criança-escritora, que ensaia seus primeiros textos.

Para você

As mentiras
que os homens
contam
Luís Fernando Veríssimo
Objetiva (2000)

Crônicas do cotidiano que exploram as mentiras que todos contam para viver e sobreviver em nome do bom convívio social.

PELA WEB

www.educacional.com.br

O site traz conteúdos de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Escolas, Educação e possibilidades de navegação como: Saiba mais, Banco de Imagens, Ziraldo, Atualidades, Notícias, Debates, Fórum, Entrevistas, Eventos do Mês, entre outras.



FILMES



Copacabana
Direção: *Carla Camurati (2001)*

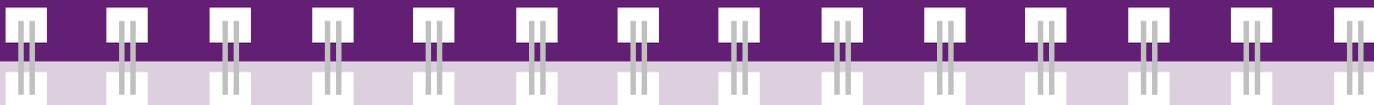
Terceiro longa-metragem da diretora brasileira. Imperdível comédia filosófica sobre a vida e a velhice nos dias de hoje, ambientada no bairro carioca de Copacabana. Uma verdadeira viagem no tempo pela história e pela vida dos cariocas.



Nenhum a Menos
Direção: *Zhang Wimou (1999)*

Narra a história de um professor que, ao sair de férias, deixa em seu lugar uma menina de 13 anos, a quem oferece dinheiro em troca da permanência de todos os seus alunos na escola. Com muito esforço ela consegue manter a turma, até que um aluno vai à cidade em busca de emprego pondo sua missão em risco.





MULTIRIO ganha prêmio internacional

A MULTIRIO ganhou o Prêmio CAMERA 2001, pelo desenvolvimento da melhor política cultural para a TV. Concedido por um júri internacional, presidido por Dan Haulica - presidente de honra da Associação de Críticos de Arte - o prêmio foi entregue no dia 23 de setembro, na França.

Música para as escolas



A série **RioArte Música nas Igrejas**, que há oito anos leva concertos às igrejas históricas da cidade, como a de Nossa Senhora do Outeiro da Glória e a do Mosteiro de São Bento, chegou às igrejas das zonas Norte e Oeste. Além do concerto tradicional, há maestros comentando as apresentações, dirigindo-se sobretudo aos alunos da rede pública municipal. A SME recebe da RioArte as orientações para organizar as platéias de professores e alunos. O objetivo é formar platéias e valorizar as igrejas históricas da cidade.

Jornal escolar

O grêmio estudantil do **Ciep Graciliano Ramos**, no Jardim América, lançou, no dia 20 de julho, a primeira edição deste ano do seu jornal. Sob a orientação da coordenadora pedagógica Marise Helena de Salles Cunha, o jornal terá seções de saúde, classificados, recados do coração e uma bem-humorada avaliação da escola na seção Bola preta e Bola branca. O jornal mobilizou alunos da Educação Infantil ao Programa de Educação Juvenil (PEJ). A segunda edição do jornal está prevista para novembro.

Agenda



História e energia



A história da eletrificação da cidade, dos velhos lâmpões às grandes avenidas. Fotografias e objetos que ajudam a recontar a história do Rio. No **Centro Cultural Light**, visitas gratuitas de segunda a sexta-feira, das 10 às 19h, e sábado e domingo, das 14 às 18h. Av. Marechal Floriano, 168 - Centro. Informações: 2211-4543.

Literatura infantil

Entre 9 e 18 de novembro, o Galpão das Artes do Museu de Arte Moderna vai sediar o **3.º Salão do Livro para Crianças e Jovens**. O evento é organizado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Escolas poderão agendar visitas pelos telefones 2504-3745 e 2221-1438.

• **Identidade.** [Do lat. tard. *identitate.*] *S. f.* 1. Qualidade de idêntico: *Há entre as concepções dos dois perfeita identidade.* 2. Conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, defeitos físicos, impressões digitais, etc. 3. O aspecto coletivo de um conjunto de características pelas quais algo é definitivamente reconhecível, ou conhecido: *estabelecer a identidade de pessoas tombadas.* 4. Cédulas de identidade 5. *Alg. Mod.* Elemento identidade 6. *Filos.* Qualidade do que é o mesmo (q.v.). [Cf., nesta acep., alteridade] 7. *Mat.* Relação de igualdade válida para todos os valores das variáveis envolvidas.
(Dicionário Aurélio)



...na próxima revista

NÓS DA ESCOLA

As Diretrizes são suas!

BAND • das 7h às 8h e das 14h às 15h
NET - canal 3 • das 7h30 às 11h30
central de atendimento: 2528-8282
ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br
www.multirio.rj.gov.br

